

Comportamento Semanal de Mercado

Informativo Assessoria Econômica

21 a 28 de outubro 2022 | www.abbc.org.br



Queda nos indicadores de confiança

Face à perspectiva de desaceleração do crescimento da atividade econômica, observou-se deterioração dos indicadores de confiança da FGV em outubro, principalmente pela piora nas expectativas futuras. Os setores de serviços e varejo voltaram a ficar em patamar abaixo do considerado neutro. Apesar do maior pessimismo, o mercado de trabalho vem mostrando recuperação consistente, com a taxa de desemprego recuando -2,5 p.p. no ano e -3,9 p.p. em 12 meses para 8,7% da força de trabalho. Concomitantemente, o total de ocupado alcançou 99,3 milhões de pessoas, recorde da série iniciada em 2012. Ademais, o rendimento real registrou a 1ª elevação anual desde mar/21, totalizando R\$ 2.737,00. Os dados reforçam o entendimento de que o mercado de trabalho segue aquecido. Este movimento tem impacto na redução do hiato do produto, conforme o Banco Central tem alertado. Na semana passada, o Copom decidiu pela manutenção da taxa Selic em 13,75% a.a., diante da evolução do balanço de riscos, sem alteração significativa nas variáveis que justificasse uma mudança de rumo da política monetária. No horizonte relevante (2T24), a projeção de inflação acumulada em 12 meses seria de 3,20%, nível próximo à meta. A divulgação da ata poderá trazer informações adicionais da avaliação da dinâmica inflacionária. O IPCA-15 de outubro com alta de 0,16%, ligeiramente acima do esperado, levou a mediana das projeções para o IPCA de 2022 subir 0,01 p.p. para 5,61%, após 17 semanas seguidas em queda, enquanto para 2023 e 2024 mantiveram-se, respectivamente, em 4,94% e 3,50%. O dólar perdeu força no exterior apesar da recuperação ao final da semana com o crescimento do PIB dos EUA no 3T22 de 2,6%. Na semana, o Federal Reserve deve ratificar o aumento de 0,75 p.p. na taxa básica de juros. Para a Zona do Euro, são aguardadas as divulgações do PIB no 3T22 e a inflação ao consumidor (CPI) de outubro, após o BCE subir a taxa de juros em 0,75 p.p.. Em setembro foram arrecadados R\$ 166,3 bilhões via impostos e previdência e o setor público registrou superávit de R\$ 10,7 bilhões, acumulando um superávit de R\$ 130,8 bilhões no ano. Por fim, os números relativos à produção industrial devem ajudar na estimativa da variação da atividade econômica no 3T22. Finalizando, o Relatório de Estabilidade Financeira relativo ao 1º semestre especificará o cenário para o sistema bancário.

Expectativas

IPCA – Mediana das projeções

	IPCA (%) Mediana - agregado		
	28/10/2022	Ult. Semana	Há 4 semanas
out/22	0,41	0,37	0,34
nov/22	0,40	0,41	0,46
dez/22	0,68	0,68	0,73
2022	5,61	5,60	5,74
2023	4,94	4,94	5,00
2024	3,50	3,50	3,50

Fonte: BCB/Focus. Elaboração ABBC

No curto prazo, as previsões de inflação no Boletim Focus para out/22 passaram de 0,37% para 0,41%, as de nov/22 de 0,41% para 0,40% e as para dez/22 continuaram em 0,68%. Após 17 semanas consecutivas em queda, o mercado financeiro voltou a elevar as projeções do IPCA para 2022, avançando 0,01 p.p. para 5,61%. Para os anos de 2023 e 2024, a mediana das expectativas permaneceram, respectivamente, em 4,94% e 3,50%. Considerando-se as projeções da amostra de instituições que fizeram alterações nos últimos 5 dias úteis, eram de 5,64% para 2022 e de 4,97% para 2023. Levando-se em conta as projeções mensais para a inflação acumulada em 12 meses no 2T24, que reflete o horizonte relevante para a política monetária, a inflação seria de 4,04%, acima de 3,2% projetada pelo Copom. No que tange à atividade, a estimativa de crescimento para o PIB prosseguiu em 2,76% para 2022. Para 2023, oscilou positivamente em 0,01 p.p. para 0,64%. Para o ano de 2024, o PIB esperado permaneceu em 1,80%. As previsões para a meta Selic continuaram em 13,75% a.a. ao final de 2022, e com o início do ciclo de reduções previsto para jun/23, espera-se que a Selic finalize o ano em 11,25% a.a. e reduza-se para 8,00% a.a. ao término de 2024. Já a mediana das projeções para a taxa de câmbio continuou em R\$ 5,20/US\$ aos finais de 2022 e 2023, variando de R\$ 5,11/US\$ para R\$/US\$ 5,10 ao término de 2024.

Na seara fiscal, a projeção do resultado primário manteve-se em 1,00% do PIB em 2022, -0,50% do PIB para 2023 e 0,00% do PIB para 2024. Enquanto, para o resultado nominal reduziu de -6,30% para -6,20% do PIB para esse ano, seguindo em -7,70% do PIB para 2023 e em -6,00% do PIB em 2024.

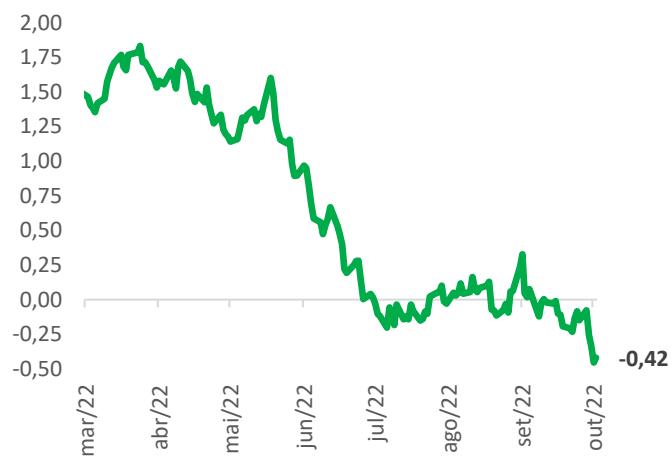
Aversão ao Risco

Bolsas Internacionais

Bolsas	28/10/2022	Variação		
		Semana	Mês	12 meses
Bovespa	114.539	-4,5%	5,7%	8,4%
Nasdaq	11.102	2,2%	2,5%	-28,1%
S&P	3.901	4,0%	7,0%	-15,1%
Dow Jones	32.862	5,7%	12,8%	-8,0%
Nikkei 225	27.105	0,8%	2,0%	-6,0%
Xangai	2.916	-4,0%	-5,8%	-17,1%

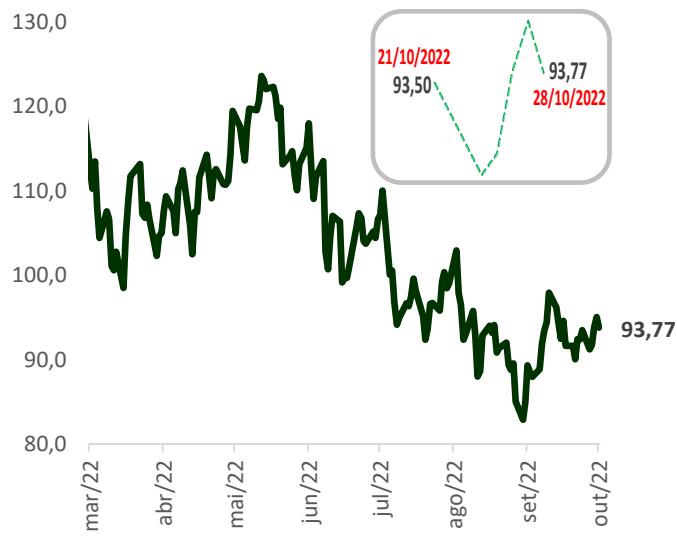
Spread T-Note

Diferencial entre 10 anos e 3 meses (em p.p.)



Petróleo

Brent última cotação US\$



Fonte: Bloomberg. Elaboração ABBC

Na semana passada, houve queda na aversão ao risco, com os mercados respondendo às posturas de alguns Bancos Centrais menos favoráveis a um aperto monetário mais duro, como o canadense que diminuiu seu ritmo de aumento da taxa de juros para 0,50 p.p. após 0,75 p.p. na decisão anterior. Em linha, apesar de o BCE ter subido suas 3 principais taxas de juros em 0,75 p.p., a declaração receosa da presidente Lagarde quanto aos riscos de recessão, abrindo a possibilidade para uma evolução da política monetária menos agressiva. Com isso, o risco soberano brasileiro, medido pelo CDS de 5 anos, recuou -9,8 bps. na semana para 279,2 bps.. Ainda nesse contexto, as principais bolsas do mundo registraram ganhos na semana, as exceções ficaram com a queda do Ibovespa em -4,5%, provocada pela redução nos preços das *commodities* e pelas incertezas políticas, e a de -4,0% no índice Xangai, com os temores de novos fechamentos por conta da covid-19. Por sua vez, as bolsas norte-americanas foram beneficiadas pela temporada de balanços que por ora, seguem com dados positivos.

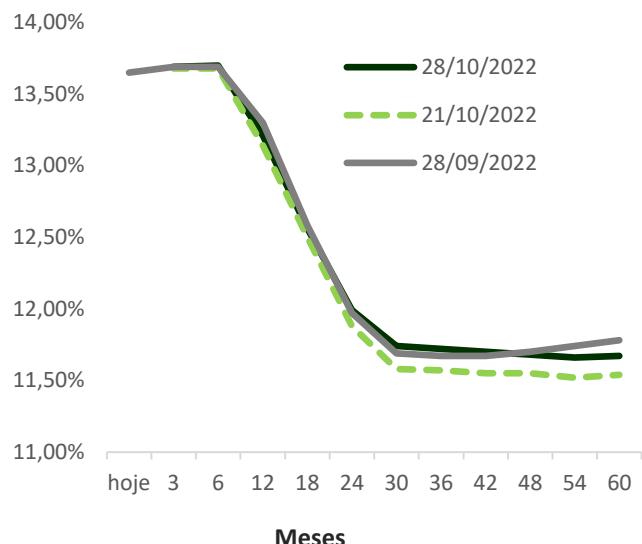
Ainda nos EUA, a semana iniciou com a alta na possibilidade de o Federal Reserve diminuir o ritmo de elevação da taxa de juros. Contudo, mesmo com a alta do PIB de 2,6% no 3T22 ante 2,3% esperado e queda de -0,9% no 2T22 e com o núcleo da inflação oficial (PCE) acelerando de 4,9% a.a. em agosto para 5,1% a.a. em setembro (5,2% a.a. projetado), as apostas perderam força.

Assim, o rendimento das *T-Notes* de 10 anos caiu -0,19 p.p. na semana para 4,02% a.a.. Com isso, o spread entre as taxas de 10 anos e 3 meses alcançou seu menor patamar desde 21/04/20 (-0,46 p.p.), encerrando em -0,42 p.p., reforçando os temores de recessão.

Por fim, a cotação do barril de petróleo tipo Brent fechou em US\$ 93,77, o que representou uma elevação de apenas 0,29% na semana, após alcançar US\$ 95,04 na quinta (27/11). Com fatores pesando tanto do lado da demanda quanto da oferta, pressionando o preço em ambas as direções, a perda de força do dólar na semana e a diminuição no estoque da *commodity* nos EUA tiveram maior relevância face os temores de recessão e diminuição da demanda.

Taxa de Juros

Estrutura a Termo das Taxas de Juros (% a.a.)



Taxa Real de Juros (a.a.)

Ex-ante

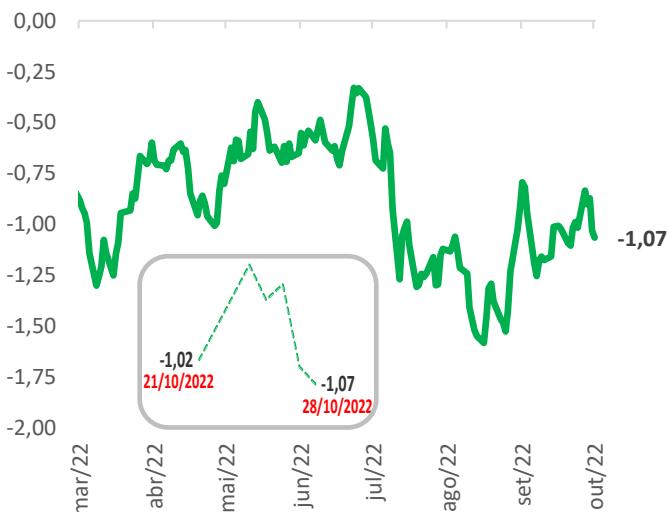


Apesar da queda na aversão ao risco no mercado internacional, as taxas de juros futuras encerraram a semana com elevações nos prêmios de riscos ao longo da curva da Estrutura a Termo da Taxa de Juros, principalmente nos vértices mais longos. O movimento contemplou o resultado do IPCA-15 de outubro acima do esperado (alta de 0,16% contra 0,09% projetado) e as incertezas da disputa eleitoral. Assim, observaram-se altas de 0,11 p.p. no vértice de 2 anos, de 0,15 p.p. no de 3 e de 0,13 p.p. no de 4 e de 5 anos. Em menor intensidade, a taxa do swap DI prefixado de 360 dias acumulou alta de 0,07 p.p. na semana para 13,21% a.a.. Como a inflação esperada para os próximos 12 meses ficou estável em 5,13%, a taxa real de juros *ex-ante* subiu 0,07 p.p. para 7,69%.

A medida de risco calculada pelo diferencial entre as taxas pré de 10 anos e de 1 ano dos títulos públicos divulgada pela Anbima registrou queda de -0,05 p.p. na semana para -1,07 p.p.. Em consonância, o spread entre as taxas pré de 10 anos e 1 ano negociadas na B3 recuou -0,02 p.p. no período para -1,39 p.p..

Spread da Taxa de Juros

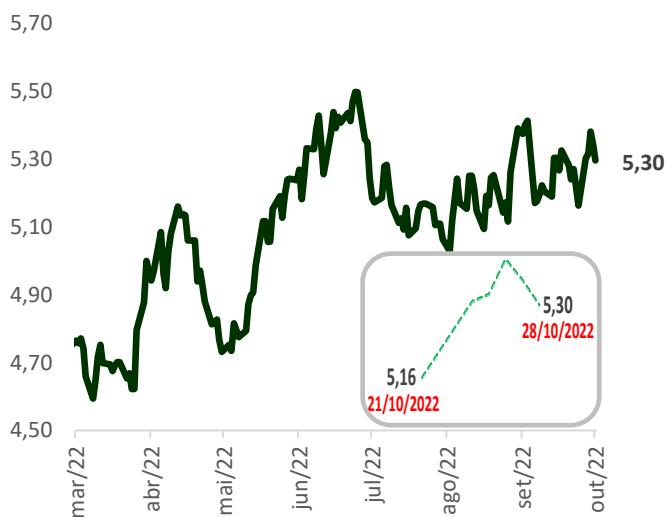
Diferença entre as taxas de 1 e 10 anos (p.p.)



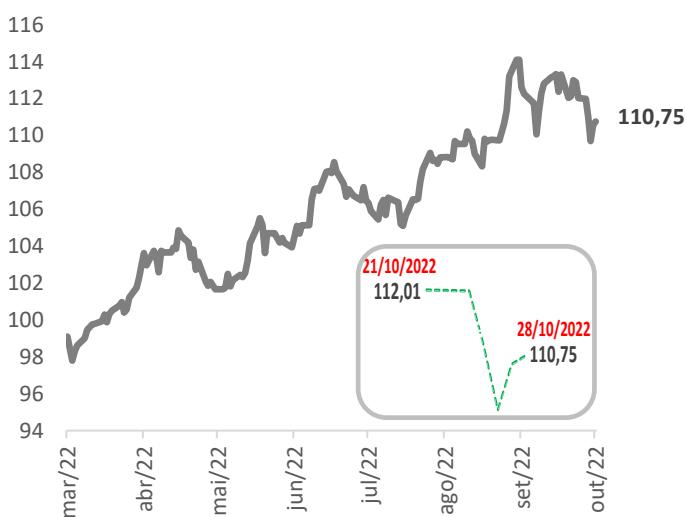
Fonte: B3/Anbima. Elaboração ABBC

Câmbio

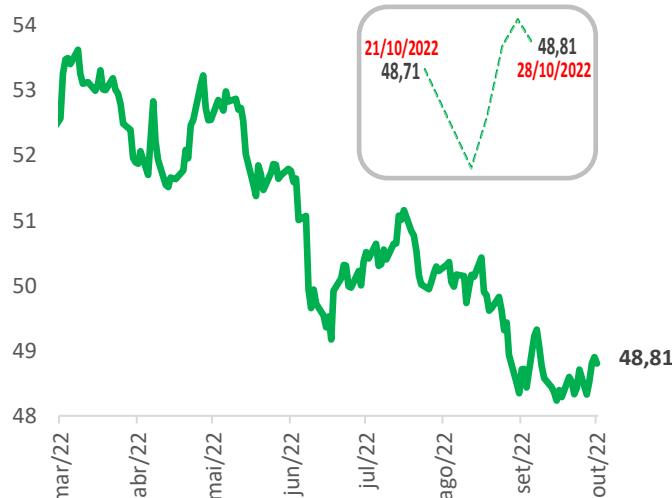
Real/US\$



Dollar Index



Índice de Emergentes*



O dólar iniciou a semana com forte depreciação, tanto em relação às moedas de países avançados quanto às de países emergentes, com o aumento das possibilidades de uma continuação no ciclo de aperto monetário menos agressiva, projetando novas altas de 0,50 p.p. na *Fed funds*. Nem mesmo os dados de atividade mais fortes, divulgados na quinta (27/11) ajudaram a recuperar o patamar do encerramento da semana anterior. Assim, o *Dollar Index*, que mede o desempenho da divisa norte-americana frente às moedas de países desenvolvidos, recuou -1,12% na semana, respondendo às apreciações de 2,69% na libra esterlina e de 1,03% no euro.

Em menor intensidade, o índice que calcula a variação das moedas de países emergentes em relação ao dólar subiu 0,19% no período, com destaques para a apreciação de 0,68% no peso mexicano e para a depreciação de -1,44% no peso argentino. O real apresentou desempenho inferior ao de seus pares de países emergentes, com depreciação de 2,58% na semana, com o dólar cotado a R\$ 5,30, sob forte influência das incertezas políticas com a proximidade do 2º turno. Apesar da depreciação na semana, o Banco Central manteve sua atuação no mercado cambial somente com a rolagem dos swaps cambiais com vencimento em 01/11/2022.

*Cesta de Moedas:

Lira turca, Rublo russo, Rand sul-africano, Florim húngaro, Real, Peso mexicano, Peso chileno, Reminbi chinês, Rupia Indiana e Dólar de Singapura.

Fonte: J.P. Morgan/Bloomberg. Elaboração ABBC

Copom - Out/22

Cenário Básico Projeções de Inflação do Copom			
	2022	2023	2024
Cenário de Referência			
Câmbio R\$/US\$ *	R\$ 5,25	R\$ 5,25	R\$ 5,25
Selic %	13,75%	11,25%	8,00%
Preços Administrados	-3,90%	9,40%	3,80%
Inflação**	5,80%	4,80%	2,90%
Bandeira Tarifária***	Verde	Amarela	Amarela

* Ajuste pela paridade do poder de compra (PPC)

** Adota-se a premissa na qual o preço do petróleo segue aproximadamente a curva futura pelos próximos 6 meses, passando a aumentar 2% a.a. posteriormente

*** Em dezembro

Fonte: BCB. Elaboração ABBC

Diante da evolução do balanço de riscos para a dinâmica inflacionária e sem alteração significativa nas variáveis que justificasse uma mudança de rumo da política monetária, o Copom optou por manter a Selic em 13,75% a.a.. Não se comprometendo com uma futura flexibilização, o Comitê assinalou que a despeito da recente queda na inflação corrente por causa de medidas tributárias, o seu patamar continua elevado e as diversas medidas de inflação subjacente apresentam-se ainda acima do intervalo considerado como compatível com as metas.

Em seu cenário de referência, com a trajetória para a taxa de juros extraída da pesquisa Focus, a taxa de câmbio partindo de USD/BRL 5,25 e evoluindo segundo a paridade do poder de compra (PPC) e com o preço do petróleo acompanhando de perto a curva futura pelos próximos 6 meses, passando a aumentar 2,0% a.a. posteriormente, as projeções do Copom situam-se em 5,8% para 2022, 4,8% para 2023 e 2,9% para 2024, mantendo-se estável para 2022 em relação ao projetado no encontro anterior, mas ligeiramente acima para os anos de 2023 (4,6%) e 2024 (2,8%). Aditivamente, adota-se a hipótese de bandeira tarifária "verde" em dez/22 e amarela em dezembro de 2023 e 2024. As projeções para a inflação de preços administrados ficaram em -3,9% para 2022, 9,4% para 2023 e 3,8% para 2024. Enquanto no horizonte relevante, ou o referente ao 2º trimestre de 2024, a projeção de inflação acumulada em 12 meses seria de 3,20%, nível próximo à meta.

No ambiente externo enfatizou as revisões negativas para o crescimento global e o aumento da volatilidade nos ativos financeiros, as pressões inflacionárias e o processo de normalização das políticas monetárias nos

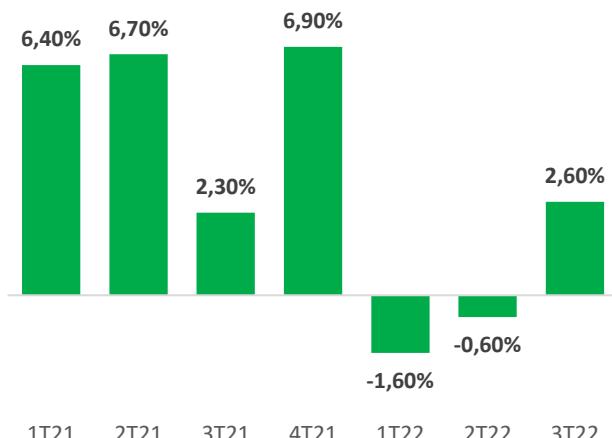
países avançados em direção a taxas restritivas, tornando as condições financeiras mais apertadas. Domesticamente, destacou o ritmo mais moderado de crescimento desde a última reunião.

No que tange ao balanço de riscos, persistem os fatores em ambas as direções. Dentre os de baixa, o Copom voltou a assinalar a queda adicional dos preços das commodities internacionais em reais, a desaceleração da atividade econômica global mais acentuada e a manutenção dos cortes de impostos em 2023. Já como de alta, enumerou a persistência das pressões inflacionárias globais, a não previsibilidade do arcabouço fiscal e dos estímulos fiscais que tenham impacto na demanda agregada, parcialmente incorporados nas expectativas de inflação e nos preços de ativos e o estreitamento do hiato do produto em relação ao utilizado em seu cenário, particularmente no mercado de trabalho.

Embora a incerteza em torno das premissas e projeções mantenham-se elevadas, a manutenção por um período suficientemente prolongado da taxa de juros real em terreno contracionista deverá garantir a convergência da inflação, assim como a ancoragem das expectativas. Mas diante da conjuntura incerta e volátil, é fundamental que se tenha serenidade na avaliação dos riscos, de modo que os próximos passos possam ser ajustados conforme a evolução do balanço, havendo até espaço para que se possa retomar o ciclo de ajuste caso o processo de desinflação não transcorra como esperado.

Atividade Global - Out/22

EUA - PIB



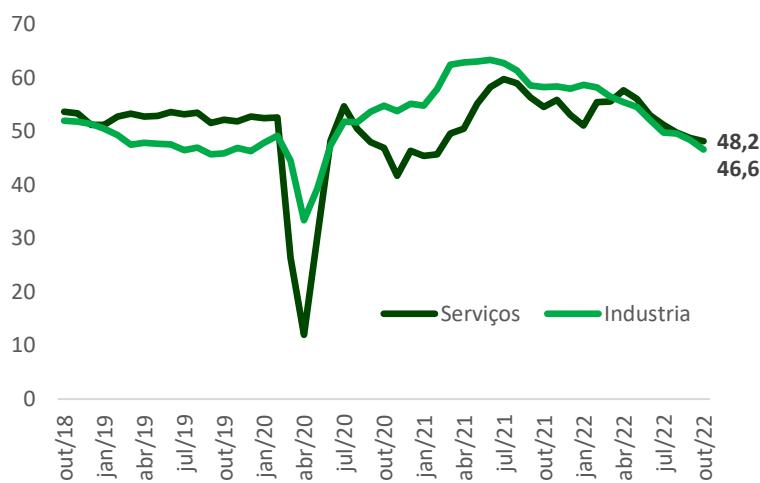
Fonte: Bloomberg. Elaboração ABBC

Após as quedas anualizadas de -1,6% no 1T22 e de -0,6% no 2T22 na série dessazonalizada, o PIB dos EUA exibiu no 3T22 uma alta preliminar de 2,6%, superando as expectativas do mercado de avanço de 2,3%. O resultado deveu-se ao melhor desempenho do setor externo, com o aumento das exportações tanto de bens como de serviços, do volume de investimentos fixos não residenciais e nos gastos governamentais, fatores parcialmente compensados pela redução no investimento fixo residencial, em função das elevadas taxas de financiamento e dos preços residenciais. Pelo lado das importações, houve o impacto da diminuição das compras de bens de consumo e do aumento de serviços, sobretudo viagens.

Ainda, o índice de preços de gastos com consumo (PCE) dos EUA subiu 0,3% em setembro ante ago/22. Excluindo-se os setores de alimentos e energia, o índice avançou 0,5% no mesmo período. Na comparação anual, o PCE manteve alta de 6,2% a.a. em setembro, com o núcleo passando de 4,9% a.a. em ago/22 para 5,1% a.a.. A renda pessoal cresceu 0,4% em setembro ante ago/22, enquanto os gastos com consumo mantiveram crescimento de 0,6% no mesmo intervalo.

Refletindo as preocupações com a inflação generalizada, sobretudo com os preços dos alimentos e combustíveis, o índice de confiança do consumidor do Conference Board caiu ao ponto mais baixo em 3 meses, para 102,5 pts. em outubro frente 107,8 pts. em set/22. Enquanto o indicador medido pela Universidade de Michigan ficou em 59,9 pts., pouco

Zona do Euro – Índice de Gerentes de Compras (PMI)



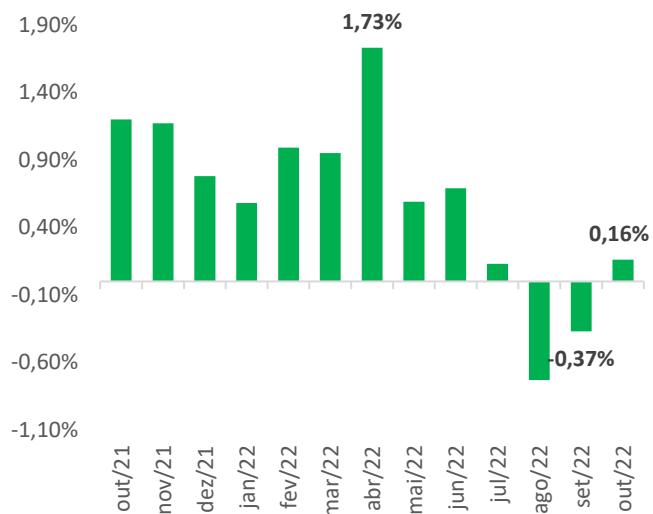
Fonte: Bloomberg/Markit. Elaboração ABBC

acima da prévia (59,8 pts.) e do observado em set/22 (58,6 pts.).

O Banco Central Europeu (BCE) optou novamente por mais um aperto monetário agressivo de 0,75 p.p. em sua taxa de juros básicas, procurando assegurar o retorno da inflação à meta de médio prazo de 2,0%. A taxa de refinanciamento avançou de 1,25% para 2%, a sobre os depósitos de 0,75% para 1,50% e a sobre os empréstimos marginais de 1,50% para 2,25%. Nos últimos meses, a elevação dos preços de energia e alimentos conjugados aos gargalos na oferta e a recuperação da demanda pós-pandemia levaram a um aumento das pressões inflacionárias. Adicionalmente, as prévias dos índices de gerentes de compras (PMIs) seguiram em queda, tanto na manufatura de 48,4 pts. em set/22 para 46,6 pts. em outubro, como nos serviços, de 48,8 pts. em set/22 para 48,2 pts., indicando que a economia do bloco caminha para a recessão.

IPCA-15 - Out/22

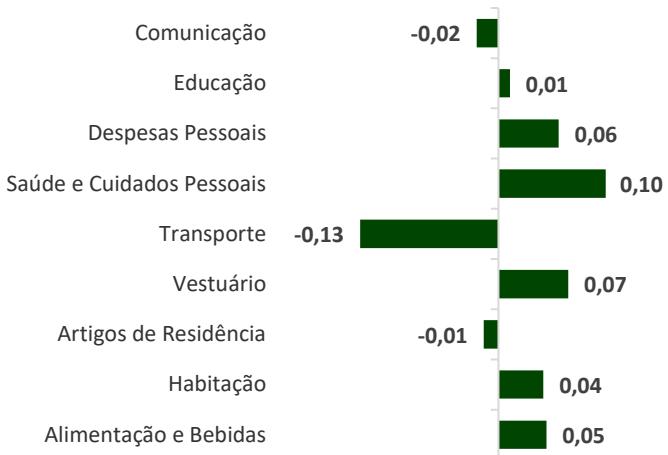
Variação Mensal



Após as deflações de -0,73% em ago/22 e de -0,37% em set/22, o IPCA-15 registrou alta de 0,16% em outubro, acima do 0,09% esperado. Com a menor queda nos preços dos combustíveis e a reversão da deflação nos alimentos, o índice acelerou a alta acumulada no ano de 4,63% em set/22 para 4,80%, porém mantendo-se a desaceleração em termos anualizados, saindo de 7,96% a.a. para 6,85% a.a..

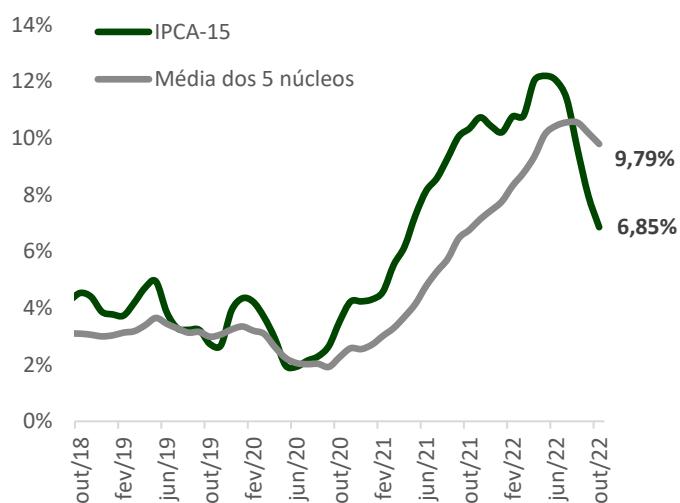
Apenas 3 dos 9 grupos componentes do indicador apresentaram queda na margem. Contribuindo com -0,13 p.p. no índice total, Transportes retraiu-se em -0,64% em outubro (-2,35% em set/22). A variação no mês foi influenciada pelos preços dos combustíveis (-6,14%), notadamente o etanol (-9,47%) e a gasolina (-5,92%). O grupo Comunicação retrocedeu -0,42% no mês (-2,74% em set/22), contribuindo com -0,02 p.p. no IPCA-15, puxado pelos preços de acesso à internet (-1,69%) e planos de telefonia móvel (-1,35%). Em menor medida, a deflação de -0,35% nos artigos de residência, a 1ª desde abr/20, impactou em -0,01 p.p. no índice cheio.

Contribuição Mensal Em p.p.



Por sua vez, os preços de Saúde e Cuidados pessoais contribuíram positivamente em 0,10 p.p., variando de 0,94% para 0,80% em out/22, alavancados pelos aumentos em planos de saúde (1,44%) e itens de higiene pessoal (1,10%). Enquanto Vestuário impactou em +0,07 p.p., passando de 1,66% para 1,43%, com as altas nos preços de calçados e acessórios (1,82%), roupa infantil (1,71%) e joias e bijuterias (1,00%). Variando de -0,47% para 0,21% no mês, Alimentos e Bebidas contribuíram com +0,04 p.p. no índice.

Evolução Anual



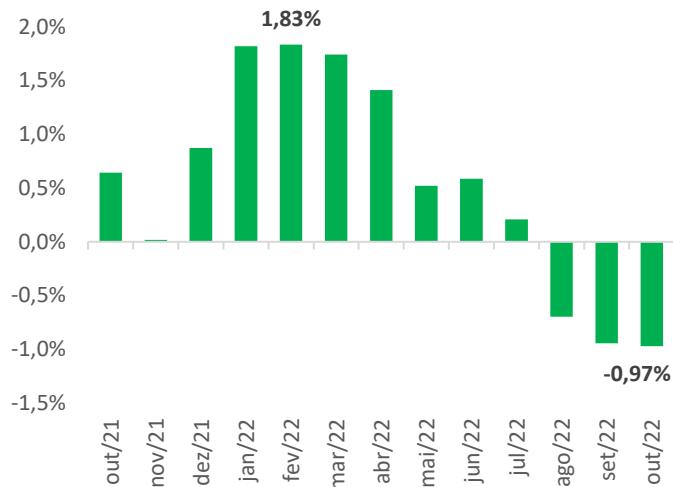
Com arrefecimento, os preços administrados passaram de -1,66% em set/22 para -0,78%, enquanto os livres subiram de 0,07% para 0,47%. O índice de difusão, em queda desde mai/22, voltou a subir, encerrando o mês em 62,67% após fechar set/22 em 59,95%.

As medidas de inflação subjacente ainda se apresentam acima do intervalo compatível com às metas. A de alimentação no domicílio caiu de 15,35% a.a. em set/22 para 15,16% a.a., enquanto a de serviços variou de 9,43% a.a. para 9,16% a.a. e a de bens industriais, de 13,83% a.a. para 14,04% a.a.. Pela média móvel trimestral dessazonalizada anualizada, contudo, observa-se um arrefecimento nos 3 critérios. Por fim, a média dos 5 núcleos acompanhados pelo Banco Central retraiu-se de 10,18% a.a. para 9,79% a.a..

Fonte: IBGE. Elaboração ABBC

IGP-M - Out/22

Variação Mensal



O Índice Geral de Preços do Mercado (IGP-M), apurado pela FGV, recuou -0,97% em outubro, após a deflação de -0,95% em set/22. Com isso, o indicador acumulou uma alta de 5,58% no ano (6,61% em set/22). Em termos anualizados, manteve-se em desaceleração, passando de 8,25% a.a. para 6,52% a.a..

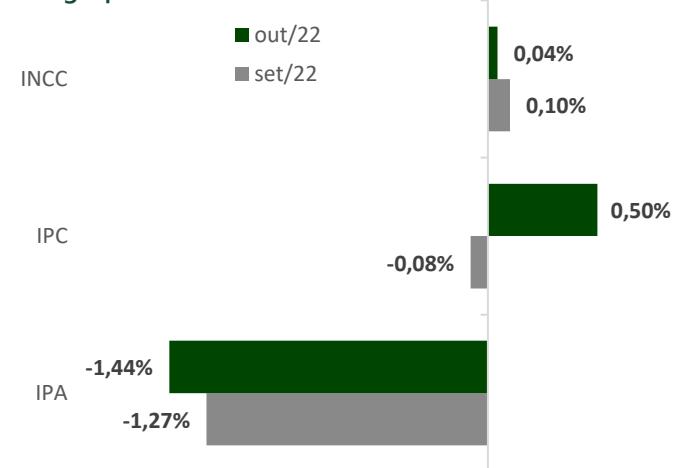
O Índice de Preços ao Produtor Amplo (IPA) acelerou sua queda de -1,27% para -1,44%. Na abertura por estágio de processamento, o grupo de bens finais passou de -0,39% para uma alta de 0,03%, puxado principalmente pelo aumento nos preços dos alimentos *in natura* de 2,35% para 6,12%. Incentivados pela queda nos preços de materiais e componentes para manufatura de -0,36% para -1,36%, os bens intermediários intensificaram sua baixa de -1,47% em set/22 para -2,17%.

Por fim, o grupo de matérias-primas brutas recuou de -1,84% para -1,96%, refletindo a deflação nos custos com algodão em caroço (3,95% para -11,02%), aves (-0,72% para -4,58%) e cana-de-açúcar (-0,72% para -2,55%). Assim, o IPA acumula alta de 5,77% no ano (7,31% em set/22) e 6,46% em 12 meses (8,59% a.a. no mês anterior).

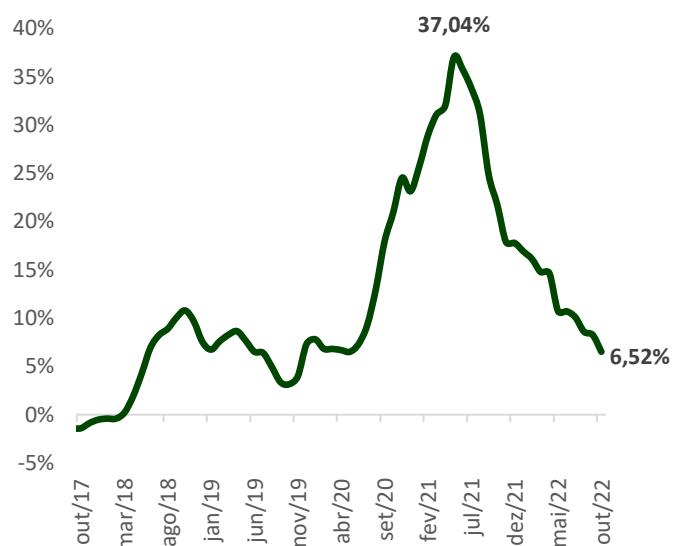
Revertendo a deflação dos últimos 3 meses, o Índice de Preços ao Consumidor (IPC) avançou 0,50% em out/22, ante -0,08% em set/22. 6 dos 8 itens de composição do IPC tiveram acréscimo em suas taxas, com destaque para a variação no grupo de transportes, que impactado pela menor queda no preço da gasolina (-9,46% para -3,74%), reduziu sua deflação de -2,93% para -0,96%. A alimentação, cuja taxa variou de -0,34% para 0,57%, foi impactada pelo preço das hortaliças e legumes (-0,63% para 6,75%). Em sentido oposto, os grupos de educação, leitura e recreação variando de 4,47% para 3,15% e comunicação de -0,54% para -1,03%, apresentaram queda na margem, refletindo as quedas dos preços de passagem aérea (27,61% para 16,07%) e combo de telefonia, internet e TV por assinatura (-0,56% para -2,45%). Dessa forma, o IPC aumentou sua inflação acumulada no ano de 2,67% para 3,18%, porém desacelerou de 5,59% a.a. para 5,01% em 12 meses.

Por fim, o Índice Nacional de Custo da Construção (INCC) desacelerou de 0,10% para 0,04%, registrando queda apenas no grupo de materiais e equipamentos (-0,14% para -0,32%). O grupo de serviços manteve sua taxa de variação em 0,34%, com o de mão de obra elevando-se de 0,26% para 0,31%. Com isso, o indicador acelerou sua inflação acumulada no ano de 8,91% para 8,96%, mas desacelerando em 12 meses de 10,89% a.a. para 10,06% a.a..

Variação Mensal Por grupo



Evolução Anual



Fonte: FGV. Elaboração ABBC

Emprego - Set/22

Desocupação Trimestre móvel

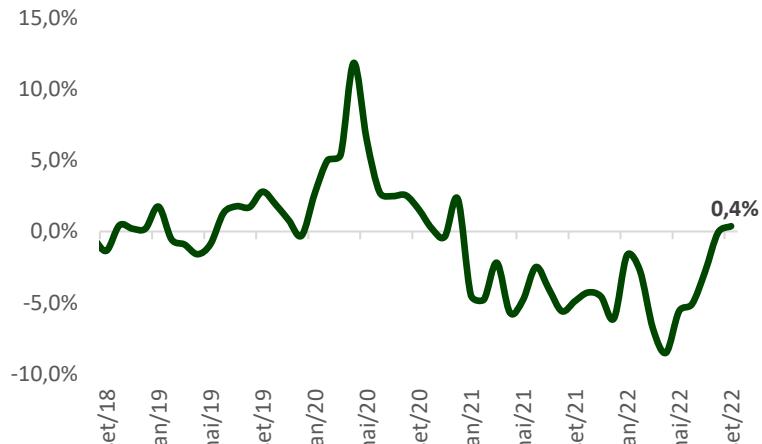


Fonte: IBGE. Elaboração ABBC

Com a melhora nas condições do mercado de trabalho, a taxa de desocupação vem se reduzindo de forma consistente. Pela PNAD Contínua do IBGE, em relação ao trimestre móvel findo em junho, a taxa de desemprego reduziu-se em -0,6 p.p. para 8,7% no término em setembro. Com o recuo de -2,5 p.p. no ano e de -3,9 p.p. em 12 meses, o indicador alcançou o seu menor nível desde o trimestre finalizado em jun/15 (8,4%). Adicionalmente, o contingente de pessoas ocupadas registrou recorde histórico na série iniciada em 2012, com 99,3 milhões de pessoas dentre as 108,7 milhões inseridas na força de trabalho, uma elevação de 1,0% ante o trimestre findo em junho, de 3,7% no ano e de 6,8% em 12 meses. Desse total, 17,5% estão no setor de Administração pública, defesa e segurança, educação, saúde humana e serviços sociais, com crescimento de 1,8% ante o trimestre findo em jun/22, no qual foram adicionadas 315 mil pessoas no mercado de trabalho. Esse setor vem crescendo a um ritmo acelerado nos últimos três trimestres em função, principalmente, da recuperação do segmento de educação e saúde.

Por sua vez, o número de trabalhadores desocupados chegou ao menor nível desde dez/15, recuando -6,2% frente ao trimestre finalizado em jun/22, 21,2% no ano e 29,7% em 12 meses, para 9,5 milhões de pessoas. Houve aumento na inserção de trabalhadores com carteira assinada (0,8% no trimestre móvel, 5,1% no ano e 8,2% em 12 meses) totalizando 36,2 milhões de pessoas, mas ainda há grande contribuição do trabalho informal, com altas de 0,4% no trimestre móvel, 6,2%

Salário Real de Admissão Variação anual



Fonte: MTE. Elaboração ABBC

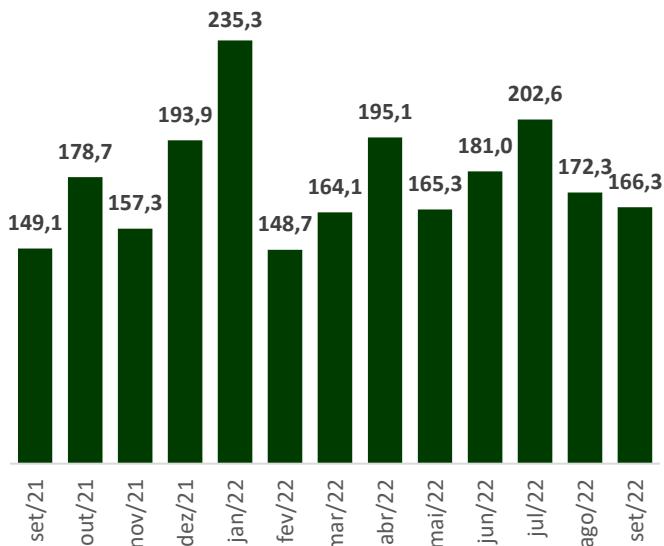
no ano e 13,0% em 12 meses, respectivamente, com 13,2 milhões de trabalhadores. Assim, a taxa de informalidade recuou de 40,0% no trimestre findo em jun/22 para 39,4% da população ocupada.

O rendimento médio real habitual do trabalhador cresceu, pela 1ª vez desde jun/20, tanto na comparação com o trimestre findo em jun/22 (3,7%), quanto no ano (6,3%) e em 12 meses (2,5%), para R\$ 2.737 em setembro, beneficiado pela redução da inflação. A massa do rendimento habitual avançou 4,8% no trimestre findo em setembro, 10,5% no ano e 9,9% a.a. para R\$ 266,7 bilhões.

Pelo CAGED, a criação de empregos formais mantém-se em elevado patamar, mas já com sinais de desaceleração, em consonância com outros indicadores do 3T22. Em setembro, foram gerados 278,1 mil postos de empregos formais, decorrentes de 1,93 milhão de admissões e 1,65 milhão de demissões. O saldo do mês ficou abaixo dos 285,3 mil postos abertos em ago/22 e dos 330,2 mil em set/21, de acordo com a série ajustada. No mês, houve abertura líquida de vagas formais de trabalho em todos os cinco setores da economia, com destaque para Serviços (122.562 vagas), Comércio (57.974) e Indústria (56.909). No ano, o saldo de empregos formais está positivo em 2,1 milhões de vagas. O salário real de admissão (deflacionado pelo INPC) recuou -0,6% na margem para R\$ 1.931,13, porém com alta de 0,4% em relação ao de set/21.

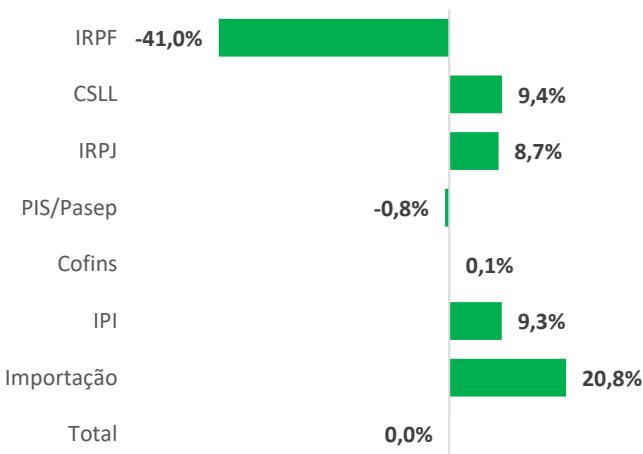
Arrecadação Federal - Set/22

Arrecadação Mensal



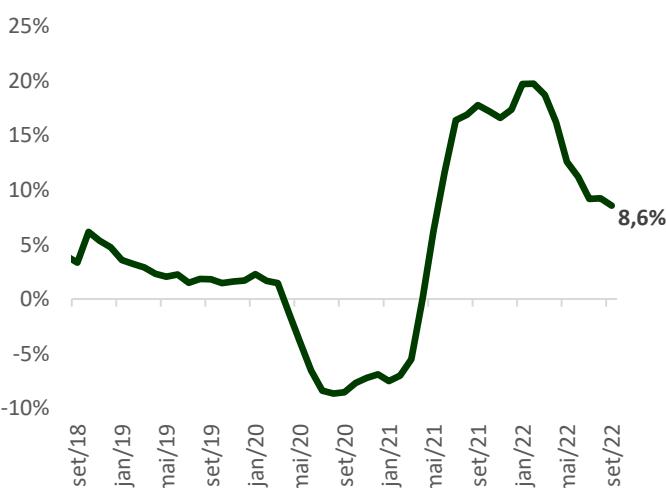
Variação no Trimestre

Em relação ao trimestre anterior



Evolução Anual

Em termos reais – deflacionada pelo IPCA



Fonte: Receita Federal. Elaboração ABBC

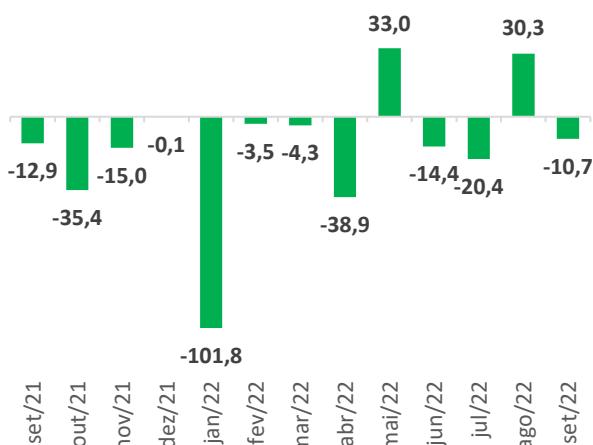
Em setembro, foram arrecadados R\$ 166,3 bilhões via impostos e previdência, em linha com a mediana das projeções de R\$ 166,0 bilhões no Prisma Fiscal e -3,5% menor do que o observado no mês anterior. O resultado do mês segue baseado nas linhas mais sensíveis à recuperação da atividade econômica, a se destacar: COFINS com 15,3% do total mensal; IR PJ com 11,3%; e CSLL com 5,8%. Ainda no mês, ressaltam-se a arrecadação atípica de R\$ 1,8 bilhão de empresas ligadas à *commodities*, a elevação de 8,1% no IPI e a queda de -3,9% no imposto sobre importação.

Os dados indicam uma possível desaceleração na trajetória de crescimento da arrecadação federal. Na comparação trimestral, o 3T22 fechou com estabilidade frente ao trimestre anterior. Na abertura por modalidade, observaram-se uma forte retração no IR PF (-41,0%), além da queda de -0,8% no PIS-Pasep e elevações de 9,4% na CSLL, de 8,7% no IR PJ, de 9,3% no IPI e de 20,8% nos impostos de importações. Vale frisar os possíveis efeitos negativos das deflações mensais entre julho e setembro deste ano, pressionando a arrecadação no período.

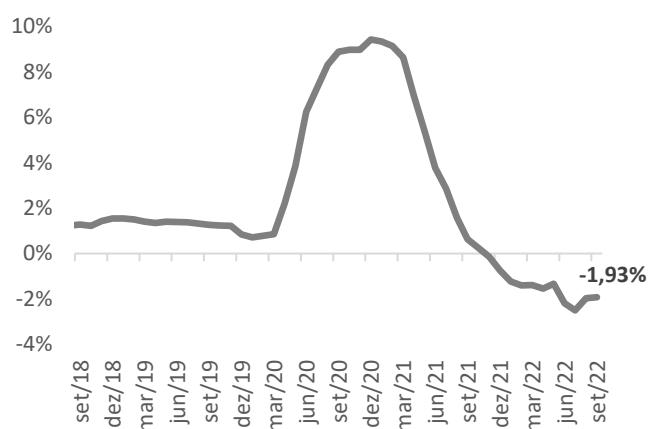
A variação real anual da arrecadação acumulada em 12 meses, deflacionada pelo IPCA, segue trajetória de arrefecimento, encerrando com alta de 8,6% a.a. em setembro ante 9,2% no mês anterior e 17,8% a.a. em set/21. Apesar do movimento, a mediana das expectativas para o total da arrecadação federal em 2022, no Prisma Fiscal de outubro, registrou incremento de R\$ 19,4 bilhões frente ao levantamento do mês anterior, para R\$ 2.239,5 bilhões. Já para 2023, a mediana das projeções estima uma arrecadação de R\$ 2.312,8 bilhões.

Fiscal - Set/22

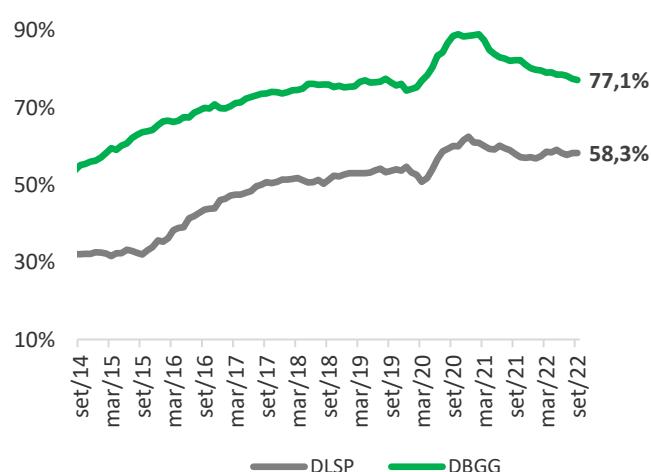
Resultado Primário Mensal – R\$ bilhões



Resultado Primário Acumulado em 12 meses – em % do PIB



Evolução da Dívida Acumulada em 12 meses – em % do PIB



Fonte: BCB. Elaboração ABBC

Em setembro, o setor público consolidado registrou superávit de R\$ 10,7 bilhões (R\$ 12,9 bilhões em set/21), após um déficit de R\$ 30,3 bilhões em ago/22. O número refletiu os resultados positivos de R\$ 11,1 bilhões do governo federal e de R\$ 321 milhões dos governos regionais, enquanto as empresas estatais tiveram déficit de R\$ 688 milhões. No mês, o gasto com juros somou R\$ 71,4 bilhões, comparativamente aos R\$ 35,6 bilhões em ago/22 (R\$ 55,0 bilhões em set/21). Assim, o resultado nominal do setor público ficou deficitário em R\$ 60,6 bilhões (R\$ 65,9 bilhões em ago/22 e R\$ 42,0 bilhões em set/21). A esperada desaceleração na atividade econômica internacional e doméstica nos próximos meses devido à política monetária mais apertada constitui um risco para a trajetória das receitas, especialmente a partir de 2023.

No acumulado do ano, o setor público consolidado acumulou superávit de R\$ 130,8 bilhões, ante um superávit de R\$ 14,2 bilhão em igual período de 2021. No acumulado em 12 meses, houve superávit primário de R\$ 181,4 bilhões, o equivalente a 1,93% do PIB (1,97% em ago/22 e déficit de -0,63% em set/21).

Ainda em termos do acumulado em 12 meses, o déficit na conta de juros aumentou em 0,1 p.p. no mês para 6,3% do PIB, acompanhando o aumento do custo nominal da dívida no período. Assim, o resultado nominal avançou 0,2 p.p. na margem, para 4,4% do PIB.

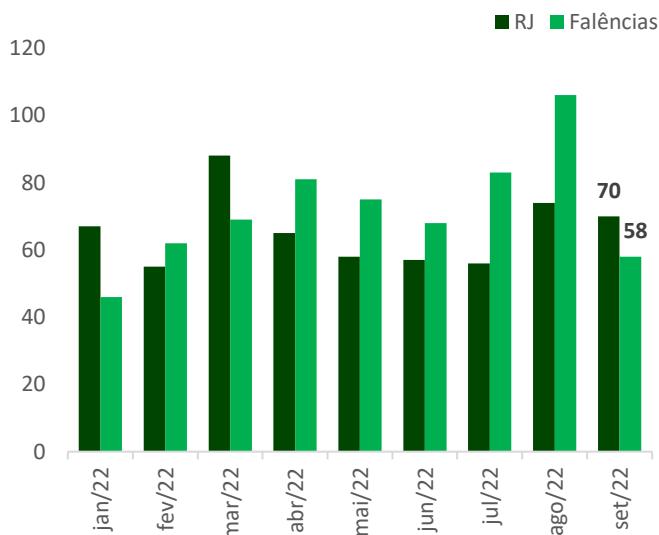
Por fim, verificou-se em setembro elevação na margem de 0,03 p.p. e de 0,2 p.p. em 12 meses da Dívida Líquida do Setor Público (DLSP) para 58,3% do PIB. A Dívida Bruta do Governo Geral (DBGG) se retraiu em -0,4 p.p. no mês e -5,1 p.p. em 12 meses para 77,1% do PIB. Este é o patamar mais baixo da DBGG desde mar/20, quando o indicador estava em 77,0% e o governo iniciou uma série de despesas para o combate à crise sanitária.

Falências e Recuperação Judicial – Set/22

RJ Requeridas			
Setores	set/21	ago/22	set/22
Comércio	10	12	15
Indústria	10	19	6
Serviço	28	39	36
Primário	9	4	13
MPE	38	51	49
Média	13	11	14
Grande	6	12	7
Total	57	74	70

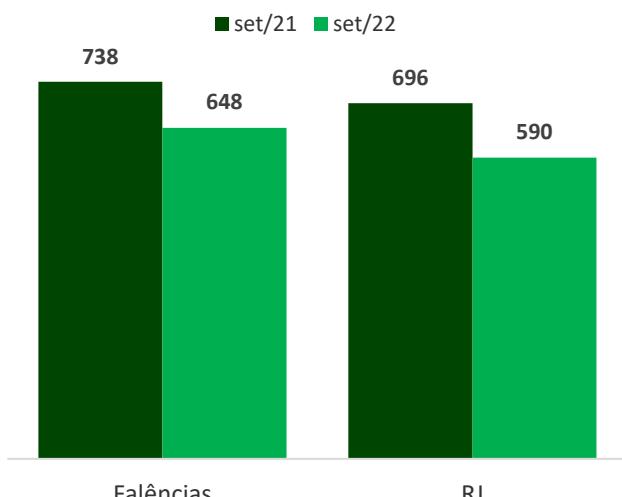
Falências e Recuperações Judiciais

Nº de ocorrências no mês



Falências e Recuperações

Requeridas – acumulado (jan-set)



Fonte: Serasa Experian. Elaboração ABBC

De acordo com dados da Serasa Experian, o número de Recuperações Judiciais (RJ) requeridas em setembro aumentou 22,8% frente a set/21, de 57 para 70 requerimentos. O resultado não é visto como uma piora do cenário econômico, dada a base fraca de comparação. A análise desagregada mostra um aumento em todos os segmentos, exceção ao setor industrial, que passou de 10 para 6 pedidos (-40,0% a.a.). Por outro lado, o setor de serviços, mais impactado pelos efeitos da pandemia, aumentou de 28 para 36 pedidos (+28,6% a.a.), representando 51,4% dos requerimentos no mês, seguido pelo setor do comércio, que passou de 10 para 15, com a maior alta na comparação anual (50,0% a.a.) e 21,4% de participação no total. Por fim, o setor primário elevou o número de pedidos de 9 para 13 (44,4% a.a.), com 18,6% de representatividade no mês.

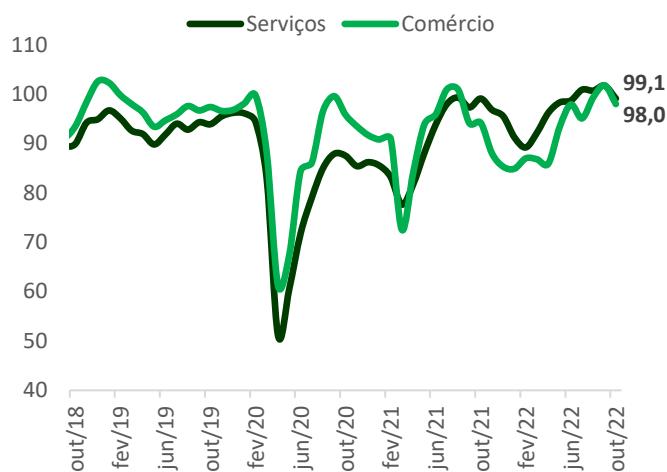
Na análise por porte, as micro e pequenas empresas (MPE) continuam com o maior volume de pedidos, com a passagem de 38 para 49 na comparação anual (28,9% a.a.), enquanto as solicitações das empresas médias passaram de 13 para 14 (7,7% a.a.), e das grandes, de 6 para 7 (16,7% a.a.).

No ano, os pedidos de RJ somam 590 contra 696 registrados no mesmo período de 2021, configurando uma queda de -15,2%. Enquanto a variação acumulada em 12 meses indica retração de -14,7%, sendo 785 pedidos ante 920 em set/21.

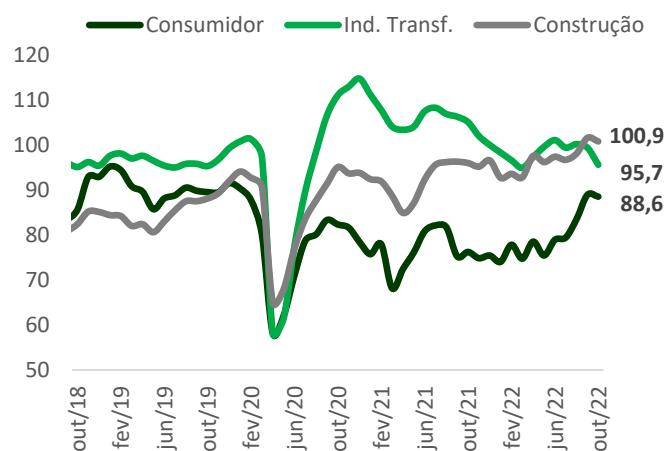
Já o número de falências se reduziu em -22,7% na comparação anual, de 75 para 58 empresas. O destaque ficou para o setor de serviços, com 24 pedidos (48 em set/21). Por porte, as MPEs seguem liderando, com 36 pedidos. No ano, os pedidos de falência somam 648 frente aos 738 observados em igual período de 2021, uma redução de -12,2% nas solicitações. Em 12 meses, já são 877 solicitações contra 956 em set/21 (-10,0% a.a.).

Sondagens FGV - Out/22

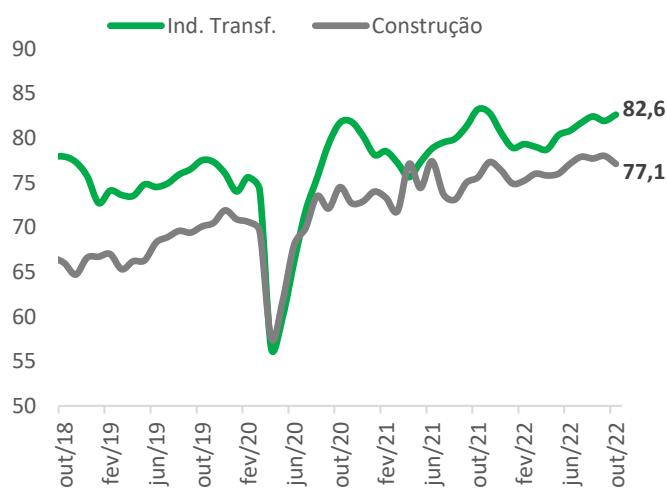
Índices de Confiança Com ajuste sazonal



Índices de Confiança Com ajuste sazonal



Utilização da Capacidade Instalada



Fonte: FGV. Elaboração ABBC

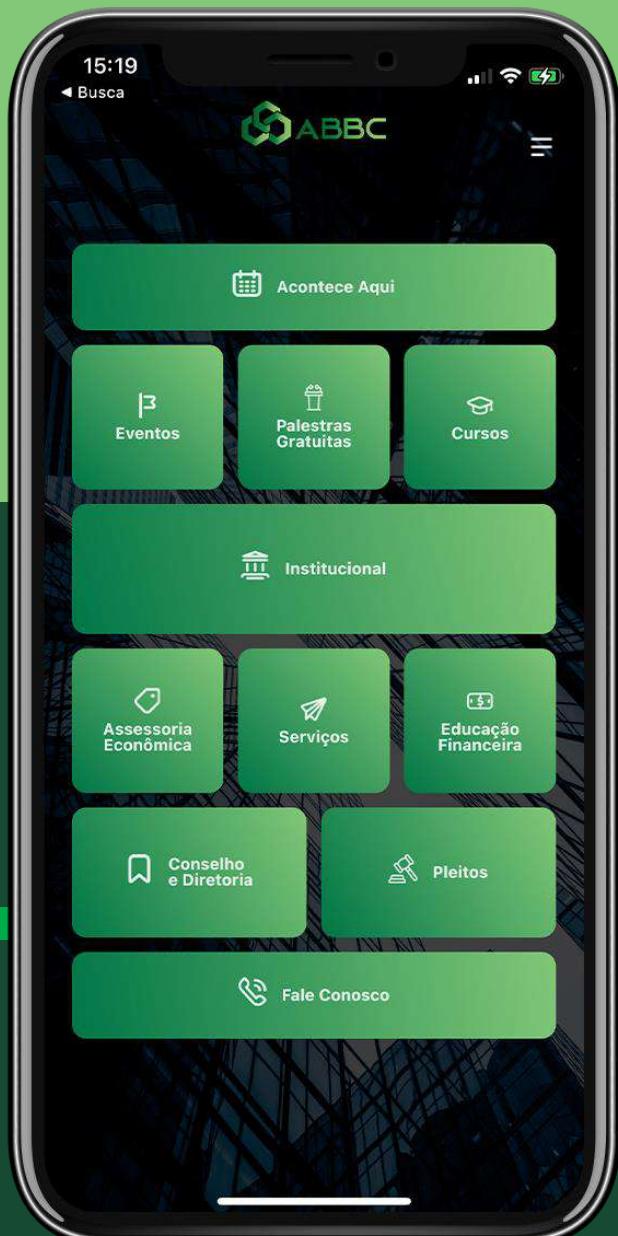
Em meio aos sinais de moderação no ritmo de crescimento da economia, ratificados nos indicadores de alta frequência, os índices de confiança empresarial da FGV apontaram queda em outubro, influenciados, principalmente, pela piora nas expectativas para os próximos meses. Após 2 altas seguidas, a confiança do comércio caiu -3,8 pts., passando de 101,8 pts. para 98,0 pts., se situando abaixo da linha de neutralidade (100 pts.). A piora decorreu das quedas nas expectativas futuras (-4,1 pts.), em meio às incertezas no cenário macroeconômico, e no índice de situação atual (-3,4 pts.), prejudicado pela piora na percepção em relação ao nível de demanda. Em consonância, a confiança de serviços retraiu -2,6 pts. para 99,1 pts., voltando a ficar abaixo do nível considerado neutro, após 3 meses acima. O setor parece começar a dar sinais de desaceleração, projetando uma redução de demanda nos próximos meses, sobretudo nos serviços profissionais e de informação e comunicação e na tendência futura dos negócios. O índice de expectativas contraiu -3,5 pts. e o da situação presente, -1,8 pt..

Acentuando a trajetória de queda, a confiança da indústria recuou -3,8 pts. em outubro, para 95,7 pts., distanciando-se mais da linha de neutralidade. A percepção de queda na demanda interna e externa, levando ao aumento do estoque, conjuntamente à perspectiva de recessão global nos próximos meses, influenciaram a retração tanto no índice de situação atual (-4,5 pts.) quanto de expectativas (-3,0 pts.). Em menor intensidade, o indicador da construção variou -0,8 pt., com a deterioração de -2,5 pts. nas expectativas, mas com melhora de 0,9 pt. sobre a percepção com a situação atual, fazendo com que o indicador se mantivesse acima da linha de neutralidade, com 100,9 pts.

Finalizando, a confiança do consumidor recuou -0,4 pt. para 88,6 pts. em out/22, revertendo uma sequência de 3 meses em alta, influenciada pela queda nas expectativas para os próximos meses (-1,5 pt.). Todavia, com a melhora no mercado de trabalho, a redução da inflação e as políticas de transferência de renda, o índice de situação atual expandiu-se 1,2 pt..

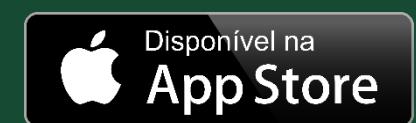
Projeções Macroeconômicas - ABBC

Indicadores	2019	2020	2021	2022E	2023E
Atividade, Inflação e Juros					
PIB Real (%), a/a)	1,2	-3,9	4,6	2,9	0,7
Crédito (%), a/a)	6,4	15,6	16,5	14,5	8,3
Desocupação (%), fim de período)	11,1	14,2	11,1	8,3	9,1
IPCA (%), a/a, fim de período)	4,3	4,5	10,1	5,6	4,9
IGP-M (% a/a, fim de período)	7,3	23,1	17,8	7,5	4,6
Taxa Selic (%), fim de período)	4,50	2,00	9,25	13,75	11,25
Setor Externo e Câmbio					
Balança Comercial - (US\$ bi)	35,2	50,4	61,2	60,0	60,0
Conta Corrente (US\$ bi)	-65,0	-24,5	-28,1	-30,0	-34,0
Investimento Direto no País (US\$ bi)	69,2	37,8	53,3	65,0	67,0
Taxa de Câmbio (R\$/US\$, fim de período)	4,0	5,2	5,7	5,20	5,20
Fiscal					
Resultado Primário (% PIB)	-0,8	-9,4	0,7	1,0	-0,5
Resultado Nominal (% PIB)	-5,8	-13,6	-4,4	-6,4	-7,7
Dívida Líquida do Setor Público (% PIB)	54,7	62,5	57,2	59,0	63,0
Dívida Bruta do Setor Público (% PIB)	74,4	88,6	80,3	78,0	82,0



Baixe o app ABBC

E fique por dentro das novidades do mercado financeiro.





Assessoria Econômica



abbc.org.br
assessoriaeconomica@abbc.org.br



Av. Paulista, 1842 -15º andar -Conj. 156
Edifício Cetenco Plaza -Torre Norte –
Cerqueira César São Paulo –SP



Tel: (55) 11 3288-1688